



CRUZ E SOUSA E A RIVALIDADE ENTRE ROMERO E VERÍSSIMO CRUZ E SOUSA AND THE RIVALRY BETWEEN ROMERO AND VERÍSSIMO

*Álvaro Santos Simões Junior*¹

Resumo

Procura-se neste artigo reconstituir, mediante análise de ensaios críticos, cartas e textos publicados na imprensa, o contexto em que se deu a publicação e a apreciação crítica inicial das obras póstumas de Cruz e Sousa, especialmente dos *Últimos sonetos* (1905). Apontado por Sílvio Romero, em 1900, como o maior poeta surgido em 400 anos de história do Brasil, Cruz e Sousa foi avaliado com muito rigor por José Veríssimo em janeiro de 1906. As divergências de vária natureza entre os dois críticos vinham do século XIX e já se tinham agravado após a publicação de estudo de Romero sobre Machado de Assis em 1897. Falecido em 1898, Cruz e Sousa seria causa de novas discordâncias entre os dois críticos, o que teria consequências para a recepção de sua obra como se pretende sugerir.

Palavras-chave: Cruz e Sousa; simbolismo; Machado de Assis; José Veríssimo; Sílvio Romero.

Abstract

This article seeks to reconstruct, through the analysis of critical essays, letters and texts published in the press, the context in which the posthumous works of Cruz e Sousa, especially *Últimos sonetos* (1905), were published and their initial critical appreciation took place. Appointed by Sílvio Romero in 1900 as the greatest poet to emerge in 400 years of Brazilian history, Cruz e Sousa was very rigorously evaluated by José Veríssimo in January 1906. The divergences of various nature between the two critics started on the 19th Century and had already been aggravated after the publication of Romero's study on Machado de Assis in 1897. Deceased in 1898, Cruz e Sousa would be the cause of further disagreement between the two critics, which would have consequences for the reception of his work as we intend to suggest.

Keywords: Cruz e Sousa; simbolismo; Machado de Assis; José Veríssimo; Sílvio Romero.

¹ Docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP). O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (proc. 306284/2015-4) e da FAPESP (proc. 2017/02626-5).



Precedentes importantes

No Rio de Janeiro do final do século XIX, um grupo de jovens escritores procurava conquistar espaço no campo literário brasileiro mediante uma ruidosa atuação em periódicos secundários, tratando com irreverência e até com certa agressividade escritores de reputação consolidada. Um poeta recém-chegado do sul do Brasil tornou-se em pouco tempo o líder ou mestre desse grupo pelas ideias estéticas renovadoras que defendia e pela importância de suas obras publicadas em 1893, *Missal* (poemas em prosa) e *Broquéis* (versos).

Abatido pela tuberculose em 1898, Cruz e Sousa não conseguiu ver publicados outros livros que deixou prontos pouco antes de morrer: *Evocações* (1898), *Faróis* (1900) e *Últimos sonetos* (1905).

Tratado pela maior parte da imprensa com superior condescendência ou até mesmo desprezo, Cruz e Sousa recebeu até o fim da vida apoio do mencionado pequeno grupo de poetas, jornalistas e críticos de segundo plano ou pouco prestigiados. Tendo mantido distância dos poetas parnasianos e dos prosadores naturalistas, o assim chamado Dante Negro não foi escolhido em 1897 para figurar entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde, no entanto, se assentaram poetas medíocres como Sebastião Guimarães Passos e Pedro Rabelo, mais bem relacionados do que ele. Para o grupo dos *imortais*, a poesia “nefelibata”, a que viam associado Cruz e Sousa, não passava de uma extravagância sem maior significação.

Em 1900, porém, Sílvio Romero, um dos mais importantes acadêmicos, retificando sua própria opinião e entrando em contradição com suas concepções etnográficas,² considerou, em ensaio historiográfico publicado em livro comemorativo do quarto centenário do “Descobrimento”, Cruz e Sousa como o melhor poeta que o Brasil produzira em sua história. A hipótese cuja validade aqui se pretende examinar é a de que, em lugar de projetar o nome do poeta, a “conversão” de Romero contribuiu para manter o poeta da ilha do Desterro em conflito com as “autoridades” responsáveis pela consagração literária.

A manifestação “surpreendente” de Romero despertou de imediato discretas contestações de críticos e acadêmicos como Medeiros e Albuquerque e José Veríssimo.

Sob o pseudônimo de J. dos Santos, Medeiros e Albuquerque resenhou o *Livro do Centenário* em *A Notícia*, edição de 26 de setembro de 1900, e denunciou a parcialidade de “homem versátil e apaixonado”, revelada por Romero, que antes já mimoseara outros escritores com elogios semelhantes ao recebido por Cruz e Sousa. A distinção não teria, portanto, a importância que se lhe vinha atribuindo.

Em resenha do *Livro do Centenário* publicada no *Jornal do Comércio* em 17 de setembro de 1900, Veríssimo tratou do artigo sobre literatura de Sílvio Romero, a quem atribuiu várias qualidades, mas também “falta de proporções no ajuizar dos escritores e dos livros” “ideias preconcebidas e sentimentos apaixonados no aquilatar-lhes o valor”, “abuso das classificações”

2 Segundo Roberto Ventura, Romero teria criado uma “teoria etnográfica hierarquizada” na qual “o negro é apresentado como superior ao indígena, e o branco como mais evoluído do que ambos”. Os portugueses, porém, seriam considerados “povo inferior, resultante do cruzamento entre ibéricos e latinos, que apresentam a impossibilidade orgânica de produzir por si” (VENTURA, 1991, p. 49, grifos do autor).

e “absoluta incapacidade de sofrer a contradição” (VERÍSSIMO, 1900), pondo assim em dúvida os critérios, a isenção e a objetividade do historiador que apontara Cruz e Sousa como “ponto culminante da lírica brasileira após quatrocentos anos de existência” (ROMERO, 1905, p. 197) e que, três anos antes, fizera críticas desassombradas a Machado de Assis com a intenção confessada de colocá-lo “em seu lugar” (ROMERO, 1897, p. XV).

Romero, crítico de Machado de Assis

O livro de Romero sobre a obra do criador de Capitu teria sido motivado por alusão de José Veríssimo à “*péssima escola* de Tobias Barreto” (ROMERO, 1897, p. 93). Como confessou candidamente em nota de rodapé, Romero julgou que, “depois de perto de trinta anos de lutas”, não devia “deixar sem reparo” declarar-se que estava “filiado em uma péssima escola”. Por isso, perguntava em tom de desafio: “Qual será a *ótima*? Será a de Machado? A de Taunay?” (ROMERO, 1897, p. 66, grifo do autor). Boa parte do livro é dedicada a demonstrar a superioridade do líder da Escola do Recife sobre o festejado romancista carioca, com o que Romero denunciava sua paixão pela prática da polêmica literária. Segundo Brito Broca, Veríssimo, Taunay e Machado pertenciam a um grupo de intelectuais que “subestimava Tobias Barreto” e negava a importância de sua escola (BROCA, 1991, p. 254).

Como era de prever-se, *Machado de Assis: estudo comparativo* sofreu inúmeras críticas. Para Artur Azevedo, Romero não se saíra bem da “tarefa de iconoclasta” (AZEVEDO, 15 dez. 1897, p. 136). Segundo Carlos Magalhães de Azeredo, o livro, a despeito de certas qualidades, não iria representar um “juízo definitivo” sobre o autor de *Quincas Borba*, pois para Romero, de um lado, “sobrou a prevenção” e, de outro, “faltou de todo aquela especial simpatia, que Carlyle reputava condição necessária para o perfeito conhecimento das coisas” (AZEREDO, 9 maio 1898, p. 2). Com mais franqueza, J. dos Santos opinou que se tratava de “um livro infeliz, errado na concepção, errado na execução” (SANTOS, 26 set. 1899, p. 3). Porém, a reação mais forte às críticas de Romero partiu de Labieno, pseudônimo de Lafaiete Rodrigues Pereira, para quem o crítico sergipano falava “uma língua dura, de uma gramática impossível, contaminada da ferrugem de aldeia” e produzira um livro constituído por:

... digressões e digressões, virulências, explosões de vaidade mal disfarçadas, um estilo que não é estilo, barbarismos e solecismos, mau gosto perpétuo, e demolições por toda parte, e, em meio das ruínas, incólume, hirto e duro, como um monolito, o vulto de Tobias Barreto, a fênix da poesia, da eloquência, da filosofia, da história, enfim, de todas as ciências divinas e humanas! (LABIENO, 25 jan. 1898, p. 2)

Machado de Assis não se dignou a responder a Romero, mas encontrou em Artur Azevedo, colega de repartição, no jovem amigo Azeredo e em Medeiros e Albuquerque, confrade de Academia, – como os outros dois, aliás, – quem o defendesse com elegância. Lafaiete Rodrigues Pereira, o mais enfático e impávido defensor, que recolheu seu artigo em livro (LABIENO, 1899), iria ocupar em 1908 a cadeira da ABL deixada vaga pela morte de Machado de Assis.

Como se vê, motivos para isso havia...

Pode-se afirmar que Machado de Assis não ficou indiferente à obra de Romero e às respostas dadas a ela. Em carta datada de 8 de fevereiro de 1898, agradeceu a Rodrigues Pereira a defesa espontânea e enérgica e declarou-se honrado com o “amparo valioso e sólido” (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1.365). A Belmiro Braga, em carta de 26 de fevereiro de 1900, mostrou-se satisfeito por dele saber que Antônio Fernandes Figueira, médico com veleidades literárias, também pretendia defendê-lo (ASSIS, 2008, v. 3, p. 1.375).

Com Magalhães de Azeredo, em carta de 7 de dezembro de 1897, tratou mais francamente do caso, colocando em dúvida a idoneidade do trabalho de Romero e dando a entender que o discutia com pessoas próximas e acompanhava atentamente a repercussão dele na imprensa:

É um estudo ou ataque, como dizem pessoas que ouço. De notícias publicadas vejo que o autor foi injusto comigo. A afirmação do livro é que nada valho. Dizendo que foi injusto comigo não exprimo conclusão minha, mas a própria afirmação dos outros; eu sou suspeito. O que parece é que me espanca. Enfim, é preciso que quando os amigos fazem um triunfo à gente (leia esta palavra em sentido modesto) haja alguém que nos ensine a virtude da humildade. (*apud* VIRGILLO, 1969, p. 130)

Carta a Magalhães de Azeredo, datada de 10 de janeiro de 1898, denunciava que, mais de um mês depois, as críticas violentas de Romero ainda ocupavam o seu espírito. Confiava ao amigo que do livro lhe desagradara até mesmo a reprodução de fotografia sua:

Creio que já lhe falei no livro que o Sílvio Romero publicou a meu respeito. Não ousou dizer que é um *ereintement*, para não parecer imodesto; a modéstia, segundo ele, é um dos meus defeitos, e eu amo os meus defeitos, são talvez as minhas virtudes. Apareceram algumas refutações breves, mas o livro aí está, e o editor, para agravá-lo, pôs-lhe um retrato que me vexa, a mim que não sou bonito. Mas é preciso tudo, meu querido amigo, o mal e o bem, e pode ser que só o mal seja verdade. (*apud* VIRGILLO, 1969, p. 136)

Em 2 de fevereiro de 1898, Machado de Assis retoma o assunto para expressar sua concordância com observações expostas por Azeredo em carta anterior e informar que vinha acompanhando no *Jornal do Comércio* refutação de Labieno às críticas de Romero:

O que me escreve do Sílvio Romero creio ser verdade pura. Não tem serenidade de espírito, é por natureza agressivo. Não se pode fazer crítica assim; mas, em suma, eu sou suspeito. No *Jornal do Comércio* apareceu um artigo em resposta ao livro do Sílvio; tem o meu nome por título; procure depois das “Notícias várias”. Não sei quem seja o autor, é o primeiro de uma série, e vê-se que é de amigo. (*apud* VIRGILLO, 1969, p. 139)

Finalmente, em carta datada de 10 de maio de 1898, surgiu, para Machado, a oportunidade de agradecer a Magalhães de Azeredo a citada publicação, na véspera, no *Jornal de Comércio*, de novas contestações a Romero. Tinham-lhe agradado “a fineza do trabalho e a simpatia e afeição”

com que fora tratado. Confessou-se igualmente grato pela espontaneidade da manifestação, pois, segundo alegou, somente “uma verdadeira afeição tomaria a si o cargo desta defesa” (*apud* VIRGILLO, 1969, p. 147). Na verdade, Azeredo não poderia manter-se impassível, pois nas entrelinhas da correspondência Machado dera a entender que contava com sua intervenção “espontânea”.

Repercussão dos *Últimos sonetos* na imprensa

Em 1905, vinha à luz o terceiro livro póstumo de Cruz e Sousa, publicado em Paris, com excelente qualidade gráfica, graças a esforços de Nestor Victor. No mesmo ano, Sílvio Romero republicava o ensaio do *Livro do Centenário* em *Evolução do lirismo brasileiro*. Ficava, assim, subentendido que sua opinião não fora circunstancial e que continuava a sustentá-la. Os *Últimos sonetos* eram, portanto, publicados sob os melhores auspícios.

Sempre à frente do noticiário literário do vespertino *A Notícia*, Medeiros e Albuquerque pronunciou-se sobre o terceiro livro póstumo de Cruz e Sousa em 13 de outubro de 1905, dizendo que os novos sonetos revelavam, da parte do poeta, grande confiança no próprio talento, mas neles nada havia “de novo, nada de elevado e sublime”. Ao reconhecer que os versos eram “harmoniosos”, constatava a musicalidade deles, mas, assim como os de *Broquéis* (1893) e *Faróis* (1900), não se destacavam por uma significação clara e coerente. Dessa vez, porém, J. dos Santos acrescentou uma nova crítica às que já tinha feito a Cruz e Sousa, atribuindo-lhe um “espírito infantil, inferior” em virtude das “repetições de palavras”, que seriam, segundo o crítico, características dos “cantos primitivos dos povos mais rudes”. Era essa uma maneira nada sutil de associar a suposta inferioridade estética dos *Últimos sonetos* à condição racial do poeta, filho de escravos alforriados.

Na luxuosa revista *Kosmos*, edição de janeiro de 1906, José Veríssimo dignou-se a escrever sobre os *Últimos sonetos*, mas o fez no mesmo texto em que avaliava as *Pedras preciosas*, de Luís Guimarães Filho, e *Vibrações*, de Júlia Cortines. Para outra publicação recente, a segunda série das *Poesias*, do parnasiano e imortal Alberto de Oliveira, prometia outro artigo todo inteiro. Essas escolhas já eram, por si sós, eloquentes para o tratamento que julgava justo para o simbolista Cruz e Sousa.

Em sua resenha, Veríssimo seguiu de perto o julgamento de Medeiros e Albuquerque, enfatizando a associação da poesia de Cruz e Sousa à sua condição de negro. Veríssimo disse ter modificado sua opinião anterior após a leitura dos *Últimos sonetos*. Com as obras anteriores, *Broquéis* e *Faróis*, sentira apenas a “música das palavras” e o “dom da melodia”, que julgava ser “comum aos negros”. Não tendo percebido no poeta “capacidade de expressão”, concluíra antes que ele ou não tinha “nada para dizer” ou “não o sabia de todo dizer” (VERÍSSIMO, 1906, p. 9).³

3 Cabe lembrar que a revista *Kosmos* não trazia numeração de página.

Quanto aos novos sonetos, afirmou que dificilmente poderiam ser resumidos por uma epígrafe ou traduzidos para outra língua por não possuírem significação nítida. Como “cacoete” do poeta, “próprio dos primitivos”, apontou as “repetições enfáticas” de palavras. Nos seus versos repetitivos, reproduzia-se a “monotonia barulhenta do tantã africano” (VERÍSSIMO, 1906, p. 10). Medeiros e Albuquerque fora mais elegante no pretendido rebaixamento do poeta em virtude de sua ascendência.

Segundo Veríssimo, o apego de Cruz e Sousa à forma do soneto revelaria “a curteza da sua faculdade de expressão poética”, mas entre suas palavras “gritadoras” ou “balbuciantes” se vislumbraria “a alma profunda de um poeta, tanto mais digno de simpatia e estima, quando se sente que ele devia sofrer acerbamente da incapacidade de exprimi-la”. Por vezes, no novo livro, Cruz e Sousa conseguiria, graças à “energia” do seu “sentimento poético”, “romper as pesadas névoas que lhe encobriam e vedavam a manifestação transparente, e que o revelam um poeta” (VERÍSSIMO, 1906, p. 10). Essa seria afinal a novidade dos *Últimos sonetos*: um ou outro poema em que Cruz e Sousa conseguia expressar-se com dificultosa efetividade apesar do balbucio predominante.

As alegadas deficiências de Cruz e Sousa teriam sido compensadas por um “sentimento recôndito, aflito, doloroso, sopitado, e por isso mesmo trágico, das suas aspirações de sonhador e da sua mesquinha condição de negro, de desgraçado, de miserável, de desprezado” (VERÍSSIMO, 1906, p. 11). Era a luta do indivíduo com o pesado lastro da origem racial, de que certamente emanavam, do ponto de vista do crítico, as mencionadas “névoas” prejudiciais à expressão poética.

Embora defendesse, como outros intelectuais de seu tempo, a miscigenação como forma de se obter um desejável “branqueamento” da população brasileira e, com ele, a reabilitação e a integração das raças ditas “inferiores” à civilização, em virtude de propiciar a “mistura progressiva” o fatal predomínio da raça considerada “superior”, Sílvio Romero, em mais uma das suas notórias contradições (cf. VENTURA, 1991, p. 75), valorizava a mestiçagem como “fator de diferenciação nacional” e ousou atribuir proeminência à obra poética de Cruz e Sousa, de exclusiva ascendência africana. Por sua vez, José Veríssimo revelou, na análise dos *Últimos sonetos*, empregar o racismo científico de uma forma *bem brasileira*, isto é, como “instrumento conservador e autoritário de definição da identidade social da classe senhorial e dos grupos dirigentes, perante uma população considerada étnica e culturalmente inferior” (VENTURA, 1991, p. 51 e 60-1), a despeito de defender a superioridade literária de um mestiço, Machado de Assis. Note-se, porém, que o autor de *Quincas Borba* embranqueceu *sociologicamente* graças ao casamento com a portuguesa Carolina e a uma progressiva ascensão social, ao passo que Cruz e Sousa não pôde libertar-se da sua condição de “emparedado”. Com efeitos de luz, retratos fotográficos de Machado como o encartado no segundo número da revista *O Álbum* (jan. 1893), dirigida por Artur Azevedo, procuraram “embranquecê-lo”. Documento eloquente desse processo é a certidão de óbito do escritor, onde se informava que o falecido era de “cor branca” (MACHADO, 1908, p. 2).

Ao final da resenha, Veríssimo acusou os amigos e admiradores de Cruz e Sousa de incompreensão por terem pretendido fazer do poeta, contrariamente a suas inclinações e possibilidades, um “chefe de escola, um lábaro de combate”. Na visão do crítico paraense, seria esse um equívoco nascido da piedade ou da simpatia pessoal, pois Cruz e Sousa não passaria de “um negro bom, sentimental, ignorante, de uma esquisita sensibilidade, cujos choques com o ambiente social resultaram em poesia”. Em virtude da ausência de qualidades nas quais o próprio poeta passou a acreditar, Cruz e Sousa não possuiria “concepção teórica da sua arte, nenhuma estética a comunicar”; teriam sido “os seus amigos [...] que lhe insuflaram ou lhe emprestaram vaidades de esteta, que a sua obra e a sua pessoa desmentiam” (VERÍSSIMO, 1906, p. 11).

Recrudescimento de uma velha rivalidade

No mesmo ano de 1906, Romero e Veríssimo viriam a trocar críticas e insultos. No *Compêndio de história da literatura brasileira*, que Romero assinou com João Ribeiro, mencionaram-se *pseudocríticos* que se ocupariam exclusivamente das correntes *estranhas*, que, provindas “de um ou mais pontos do horizonte intelectual do mundo em um tempo dado”, atuam sobre a formação da literatura, entendida como um “organismo que se desenvolve”. Tais críticos deixariam em segundo plano as “forças *internas*”, inerentes a uma dada literatura, como a raça e o meio em que se desenvolve, ficando limitados, por incompetência, a “ver nos fenômenos espirituais da nação, quer intelectuais, quer emotivos, senão a face mais superficial e exterior” (ROMERO; RIBEIRO, 1909, p. VIII-IX).⁴

À coletânea *Que é literatura? E outros escritos*, de 1907, Veríssimo juntou um texto sobre o *Compêndio*, cujas principais ideias atribui a Romero, isentando João Ribeiro de responsabilidade por elas. O crítico paraense acusou o colega sergipano de “certa inferioridade moral” por não suportar a crítica e apreciar ser alvo de adulações. Fez também, ao lado de alusões à origem provinciana de Romero, restrições às suas qualidades intelectuais e à sua parcialidade como crítico:

Homem puramente especulativo, de uma província literária cujas más origens ainda a viciam e maculam das paixões pessoais, homem do livro, sem faculdade de renovação intelectual (pois há trinta anos o Sr. Sílvio Romero refaz a mesma obra) como quer que seja isolado no seu meio pelo seu matutismo inveterado, ou apenas cercado por alguns devotos acólitos que lhe não afrontam o horror à contradição, e mais extremado dele por uma velha ojeriza de provinciano contra a “Corte”, que sempre se lhe imaginou hostil, o ilustre literato exagerou o amor das suas caras letras pátrias, e de algumas das suas ideias gerais, até ao ponto de não querer que ninguém mais a amasse, senão com o seu beneplácito e segundo as suas fórmulas. (VERÍSSIMO, 1907, p. 234)

Ao tratar do vício de citar-se a si próprio e de atribuir-se descobertas no campo da teoria e da crítica literárias, em que reiteradamente incidiria Sílvio Romero, Veríssimo resumiu a prática com irreverência: “Jamais se viu um tão extraordinário caso de masturbação intelectual”

⁴ Cita-se pela segunda edição.

(VERÍSSIMO, 1907, p. 235). Antes mesmo que viesse à luz *Que é literatura?*, Veríssimo se sentiria movido a tratar de seu desafeto de forma ainda mais incisiva em virtude de uma nova manifestação do historiador da literatura brasileira.

Escalado para proferir em dezembro de 1906 na Academia Brasileira de Letras o discurso de recepção a Euclides da Cunha, eleito para a vaga aberta com a morte de Valentim Magalhães, Sílvio Romero não perdeu a oportunidade para farpear desafetos, exaltar mais uma vez o mestre Tobias Barreto e verberar intelectuais e governos ao responsabilizá-los pelas mazelas nacionais, – tudo isso diante do presidente da República, Afonso Pena,⁵ e dos *imortais* residentes no Rio de Janeiro, incluindo-se, entre eles, Machado de Assis e José Veríssimo. Não houve conveniência ou liturgia que refreasse a língua do destemido sergipano, pois vitimou o falecido ocupante da cadeira e até mesmo o patrono dela.⁶ Valentim Magalhães, por exemplo, não podia contar com sua simpatia por ter sido “... durante mais de vinte anos o porta-bandeira da oposição tenaz, implacável, irredutível, contra tudo que se pensou e se fez na Escola do Recife” (ACADEMIA, 1906, p. 2). Quanto a Castro Alves, tido por Romero como émulo de Tobias Barreto, impunha-se relativizar a sua importância:

Castro Alves!... Vale muito. Mas admiro a serenidade, a suficiência, a confiança, o ar de superior e competente alvitre com que a moda carioca acoroçada pela crítica de arribação, que esvoaça sobre nós, de vários pontos do horizonte, em períodos climatéricos, fala dele, qual se fora o nosso Körner, o nosso Rückert. (ACADEMIA, 1906, p. 2).

Entenda-se que, para o notório germanista, os alemães Friedrich Rückert e Carl Theodor Körner representavam modelos de grandiosidade poética, ao passo que a menção a uma *crítica de arribação*, fatalmente transmigrada para o Rio, como se fora tangida por fenômenos climáticos, era uma carapuça colocada à disposição de seus confrades, muitos dos quais se deslocaram das províncias para a Corte ou Capital Federal, conforme a época da migração.

A mais de um século de distância, tem-se a impressão de que, para o incansável e renitente defensor da Escola de Recife, qualquer elogio a outro intelectual era usurpado do grande líder Tobias Barreto. Por isso, talvez incomodassem tanto a Romero “os festejos suspeitos a certos renegados que por qualquer motivo caíram nas graças de determinados críticos, que se arroga[va]m nesta boa terra a função de distribuir os títulos e louvores espirituais” (ACADEMIA, 1906, p. 2). Ora, somente José Veríssimo dispunha de autoridade e legitimidade quase institucional semelhante à do próprio autor da *História da literatura brasileira* (1888) para prodigalizar honrarias e distinções intelectuais. Pouco depois, Romero afirmou que, em quatrocentos anos de “lides espirituais brasileiras”, nunca se vira “uma tal e tão prolongada sanha de desprestígio e denegritamento” como a dirigida contra Tobias Barreto por gente que, segundo sua visão, tinha

5 Romero criticou com ênfase e bastante insistência a reforma urbana iniciada por Pereira Passos com apoio do governo federal. Em sua opinião, não se devia “contrair empréstimos loucamente avultados e ruinosos para os aplicar em obras suntuárias, quando os serviços mais simples est[avam] por organizar por todo país” (ACADEMIA, 1906, p. 2).

6 O crítico deixou bem claro, logo de início, que não iria sacrificar a sua franqueza nas aras da pomposidade acadêmica: “A Academia não se pode afigurar a organização da hipocrisia para que eu haja de impor silêncio a mim mesmo, sacudindo da alma, lá fora, seletas convicções, como se espanasse o pó dos sapatos no ádito dos templos majestosos e terríveis” (ACADEMIA, 1906, p. 2).

“tão fácil o entusiasmo e sab[ia] com tanto jeito baloiçar os turíbulos diante de uma série quase infundável de manipansos de toda a casta” (ACADEMIA, 1906, p. 2).

José Veríssimo não se furtou a vestir todas as carapuças e juntou a *Que é literatura? E outros escritos*, de 1907, que ainda estava no prelo, um “*Post scriptum*” com respostas ao seu declarado desafeto. Seria, afinal, difícil afetar impassibilidade diante da contundência do discurso, a qual não escapou ao “bonachão” Artur Azevedo, para quem o efeito de certos trechos “seria mais vibrante na Câmara dos Deputados ou no Senado, que em uma assembleia tranquila, de homens de letras”. Rememorando em *O País* o que vira e ouvira, assim descreveu a postura assumida pelo crítico: “Os seus braços tinham gestos, a sua voz inflexões, os seus olhos lampejos de ódio. Dir-se-ia que o tinham encarregado de acusar toda a nossa época, e não houve quem não levasse a sua tarefa...” (A., 20 dez. 1906, p. 2).

Em seu livro, Veríssimo abordou o *escândalo da Academia* a princípio com altivez, invocando o imperativo social da civilidade, que teria sido acintosamente desprezado pela verborragia rebarbativa do orador:

... só é verdadeiramente livre o selvagem ou o grosseirão. A prolixidade somente já é num salão ou numa Academia um documento de mau gosto ou de má criação. Mas se o discurso acadêmico vem cheio dessa coisa odiosa e repugnante, o eu do orador, que aos elogios das personagens a quem, segundo os estilos, os deve, substitui o seu próprio panegírico, e o piora não com as finas e leves ironias que o gênero permite e até desafia, ou ainda com algum desabrimento de ideias ou expressões em boa forma literária toleráveis, mas com indiretas grosseiras, chulices de capadócio, alusões intencionalmente afrontosas e outras inconveniências, esquecendo o orador que não fala por si, mas como órgão da Academia, falta menos a qualquer retórica que aos mais comezinhos preceitos de civilidade. (VERÍSSIMO, 1907, p. 272)

Com sua falta de decoro, Romero teria inquinado “uma tribuna que souberam honrar e alumiar do seu talento e do seu espírito Joaquim Nabuco, Medeiros e Albuquerque, Oliveira Lima, Olavo Bilac, Sousa Bandeira, Graça Aranha, Afonso Arinos e outros”. Segundo Veríssimo, o resultado não deveria causar surpresas: “Mas não o malsinemos por isso; ninguém de fato podia dele esperar, ou esperava, outra coisa” (VERÍSSIMO, 1907, p. 272).

Veríssimo não sustentou, porém, o nível em que a princípio se colocou, pois, abandonando a postura de estudada serenidade, logo desceu à arena (ou rinha), revelando-se ressentido por uma das insinuações de Romero:

A minha pobre crítica, com ser tão mofina e desprezível perante a crítica “cientificista” do Sr. Sílvio Romero, tem o dom de irritar até a raiva o eminente crítico. Redondamente chamou-lhe no seu discurso de “crítica de arribação”. Vindo dele, a exprobração é de uma singular inconsciência. Ainda se a crítica do Sr. Sílvio Romero houvesse nascido ali às beiras do opulento Carioca ou do caudaloso rio da Joana ou das Caboclas, se lhe compreenderia o ridículo reproche! Mas não, científicista ou sociológica, ela surgiu do Vaza Barris e engrossou no Capiberibe.

Veríssimo acabou por retribuir os insultos preconceituosos de que fora vítima com preconceitos muito semelhantes, referindo-se de maneira desairosa às origens de seu desafeto:

Tal é, porém, como está vendo o leitor, o critério do Sr. Sílvio Romero: provinciano, sergipano do Lagarto ou de não sei que bicho e, demais, inimigo irreduzível do Rio de Janeiro, contra o qual ainda investi no seu discurso,⁷ ele junta aos seus muitos defeitos e incapacidades mais esta, e de arrasar, de ser, tal qual ele, provinciano! Crítico de arrição! (VERÍSSIMO, 1907, p. 273-4)

Como informou Brito Broca, Veríssimo chegou ao Rio de Janeiro após a Proclamação da República como um crítico reconhecido no Pará, mas nessa altura Sílvio Romero “já tinha feito um nome no Rio, quer dizer: um nome nacional” (BROCA, 1991, p. 231). São esses precedentes que esclarecem o remoço de Romero, de cuja fragilidade Veríssimo se aproveitou com muita verve.

Após uma ferina menção à rotundidade e à vaidade de seu antagonista,⁸ Veríssimo afirmou que Romero se fizera “famoso pelas suas classificações, nomenclaturas, enumerações, listas e róis de poetas e escritores de toda a ordem” e que, “do alto de sua cátedra infalível, já proclam[ara] nada menos de três ‘primeiros’ poetas brasileiros”. Com essa patente ironia, Veríssimo fazia clara referência ao então recente *Livro do centenário*, onde a honraria coubera a Cruz e Sousa.

Considere-se que para Veríssimo, defensor extremado da superioridade literária de Machado de Assis, era fundamental denunciar a incongruência de elegerem-se três primeiros poetas brasileiros para pôr em dúvida o critério e a coerência do exercício da crítica literária por Romero, pois, por essa via, desqualificava o livro de 1897 que colocara o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* abaixo do líder da assim chamada Escola do Recife. Para Wilson Martins, o paralelo entre os dois, em seu despropósito, “já alcançou na história das nossas ideias críticas aquele ponto de ridículo que o situa para além de todas as discussões sérias” (MARTINS, 2002, p. 313).

Últimas hostilidades do conflito

A resenha de *Últimos sonetos* publicada por Veríssimo na *Kosmos* foi julgada digna de figurar na sexta e última série, publicada em 1907, dos *Estudos de literatura brasileira*. O volume foi aberto por um artigo originado de resenha publicada no *Correio da Manhã*, número de 10 de setembro de 1902, a respeito da segunda edição da *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero, iniciada

7 V. nota n. 5.

8 Dando como certo ter sido chamado de adorador de manipansos, Veríssimo retruca da seguinte forma: “... o único que se poderia figuradamente chamar sem impropriedade de manipanso é justamente o Sr. Sílvio Romero. Primeiro pelo seu físico (Cândido de Figueiredo define manipanso: ‘indivíduo muito gordo’), depois pelo seu gosto da adoração, pelo seu feitio espiritual de ídolo que se compraz em ser incensado e se arrelia e desespera não só de o não incensarem, mas de que se incensem a outros” (VERÍSSIMO, 1907, p. 275).

naquele ano pela Garnier.⁹ Veríssimo criticou a lacuna na obra historiográfica no que concerne ao romance e ao teatro, mencionou as notórias “inexatidões de fato ou de juízo, os abusos de generalização, a carência de serenidade e imparcialidade crítica” (VERÍSSIMO, 1977, p. 10), classificou Romero como “um nervoso, um apaixonado, um temperamento de combate” (VERÍSSIMO, 1977, p. 10), inclinado às polêmicas, considerou-o grande devedor de Francisco Adolfo de Varnhagen e opôs-se ao seu conceito amplo de literatura, decorrente de seu germanismo, que o levou a considerar em sua *História* “tudo quanto se escreveu na ordem intelectual” (VERÍSSIMO, 1977, p. 13).

Em um único volume, portanto, Veríssimo desacreditou Cruz e Sousa e questionou a validade do método crítico de Sílvio Romero, *fiador* da grandiosidade do poeta simbolista.

Como reação às reiteradas críticas do seu antagonista, Romero escreveu as *Zeveryssimações ineptas da crítica*, publicadas no Porto em 1909, que constituíam uma violenta catilinária onde as respostas às críticas do colega de Academia Brasileira de Letras se achavam envoltas em insultos e questionamentos morais. O nariz pronunciado e os gestos comedidos de Veríssimo inspiraram a Romero a alcunha de Tucano Empalhado, que aplicou ao desafeto. A origem amazônica de Veríssimo (nascido em Óbidos, no Pará) permitiu a Romero apelidá-lo de Saint-Beuve Peixe-Boi, sedoso marajoara e manhoso pescador. Sua ascendência mestiça rendeu-lhe a classificação de “pardo irrecusável”. A virulência dos insultos teria como justificativa procedimentos reprováveis de Veríssimo como crítico, que se submetia a “escrever por empreitada nos jornais” (ROMERO, 1909, p. 10), reduzindo-se a “*pennyliner*”¹⁰ (ROMERO, 1909, p. 51), e que reunia indiscriminadamente seus textos de imprensa em volumes, como os da série *Estudos de literatura brasileira*, os quais Romero comparou a “pacotes ou embrulhos de inhames e rapaduras” (ROMERO, 1909, p. 11).

Mas o pior procedimento do crítico paraense seria, sempre segundo o irascível Romero, a manipulação das pessoas segundo quatro estratégias:

1) empregar um “jeitinho manhoso” para aproximar-se e fazer camaradagem com “todos os *medalhães literários*”, do que Veríssimo teria sabido tirar partido: “Com os medalhões fundou revistas, ajudou a formar academias, fez círculos de palestras, nos quais havia, oh! maravilha rara! um curioso *five ó klok-tea*” (ROMERO, 1909, p. 11);

2) empenhar-se em uma “insinuação indireta, doce, suave, mansueta e proveitosa no meio jornalístico”, chegando a colaborar simultaneamente em vários periódicos, de onde disparava “tiros pagos nos outros que, para lhe retrucarem, t[inham] de fazer despesas, gastar dinheiro” (ROMERO, 1909, p. 14), como, aliás, Romero fazia, ao publicar em Portugal;

3) manter sempre uma “habilíssima, e veladíssima, amistosa atitude perante os governos”

⁹ O segundo tomo sairia em 1903.

¹⁰ *Pennyliner*: palavra da língua inglesa com que se designavam os colaboradores da imprensa remunerados por linha publicada.

(ROMERO, 1909, p. 14), graças a que foi agraciado com prebendas e comissões vantajosas;

4) cultivar boas relações com a Garnier e seu empregado Lansac, o que sabia ser “arranjo indispensável para o empacotilhamento dos embrulhos”, isto é, “a arrumação dos artigos dos jornais em livros” (ROMERO, 1909, p. 16).

As manhas e maquinações do crítico paraense vinham, segundo Romero, em socorro de sua debilidade como crítico, pois não passaria de “fonógrafo” das palavras alheias. De moral duvidosa e sem convicções teóricas, prestava-se muitas vezes a ser “mero arrematador de ódios e despeitos alheios” (ROMERO, 1909, p. 34).

Em virtude do caráter vil que emprestou a Veríssimo, Romero pôde questionar a lisura dos juízos críticos expedidos pelo colega: “Os ataques aos talentos novéis eram, consciente ou inconscientemente, para agradar à velha guarda de querençosos medalhões e enfatiados notáveis” (ROMERO, 1909, p. 13). A ser verdadeira a diatribe, Cruz e Sousa poderia ter sido prejudicado ao ser identificado ao hostil grupo dos *novos*, que por anos cultivou ostensiva hostilidade contra alguns dos principais acadêmicos.

Se a inesperada “conversão” de Romero em defensor da poesia de Cruz e Sousa pôde ser atribuída à sua amizade com Nestor Victor, seu vizinho, que tanto lhe encareceu em conversas amenas as qualidades morais e literárias de Cruz e Sousa, então recentemente falecido, a hostilidade crescente entre Romero e Veríssimo, a qual culminaria nas *Zeverissimações ineptas da crítica*, poderia levar a pensar que o silêncio em torno da obra de Cruz e Sousa ou, então, as apreciações sarcásticas ou condenatórias de sua obra, como a que escreveu Veríssimo, eram possivelmente movidos por intrigas e animosidades entre poderosos antagonistas atuantes no campo literário. Quando vivo, Cruz e Sousa foi identificado ao grupo dos *novos*, que durante anos combateu com críticas e insultos os *medalhões*. Após a morte, sua obra passou a ser defendida por Sílvio Romero, que ousara, no mesmo ano de fundação da Academia Brasileira de Letras (1897), romper o coro de louvores em prol de seu presidente¹¹ e que, como se viu, não morria de amores por muitos acadêmicos e abominava as rodinhas literárias da Garnier e seus expedientes de apoio mútuo.

Talvez não seja tão despropositado concluir que, apesar de enfático, o apoio tardio e *isolado* de Romero não teve o condão de conciliar a obra de Cruz e Sousa com as instâncias de consagração literária do Rio de Janeiro e que, pelo contrário, provavelmente contribuiu para retardar por muitos anos o reconhecimento público de seu valor como um dos principais poetas brasileiros de todos os tempos.

¹¹ Romero sabia que sua intervenção seria mal recebida por ser contrária a certo consenso, mas ostentava indiferença olímpica à opinião geral: “Humorismo, pessimismo, filosofia e outras grandes palavras são as contas do rosário que os crentes costumam desfiar diante do seu ídolo. Estão no seu direito. Mas neste ponto quero ser o espírito que nega, o Mefistófeles deste novo Faust; porém um negador complacente e doce, munido de provas e documentos” (ROMERO, 1897, p. 70).

Referências

- ACADEMIA Brasileira de Letras. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2, 6.-9. col., p. 2, 1.-8. col., 19 dez. 1906.
- A., A. [iniciais de Artur Azevedo] Palestra. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 7. col., 20 dez. 1906.
- ASSIS, M. de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 3.
- AZEREDO, C. M. de. Estudos contemporâneos: Machado de Assis e Sílvio Romero. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 4.-5. col., p. 2, 1.-2. col., 9 maio 1898.
- BROCA, B. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: Vida literária do realismo ao pré-modernismo*. (Org. de Luiz Dantas). Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991.
- HERÓI, Elói, o. Croniqueta. *A Estação*, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 23, p. 136, p. 136.
- LABIENO [pseudônimo de Lafaiete Rodrigues Pereira]. Machado de Assis: estudo comparativo por Sílvio Romero. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2, 6.-7. col., 25 jan. 1898.
- _____. *Vindicae: o Sr. Sílvio Romero crítico e filósofo*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1899.
- LOF. Notas literárias. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, p. 2, rodapé, 25 abr. 1901.
- MACHADO de Assis. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 2, 2.-4. col., 30 set. 1908.
- MARTINS, W. *A crítica literária no Brasil*. 3. ed. at. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- PACHECO, F. A monografia do Sr. Sílvio Romero. *Rosa Cruz*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 21-3, jun. 1901.
- ROMERO, S. *Evolução do lirismo brasileiro*. Recife: J. B. Edelbrock, 1905.
- _____. *Machado de Assis: Estudo comparativo de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1897.
- _____. *Zeveryssimações ineptas da crítica: repulsas e desabafos*. Porto: Comércio do Porto, 1909.
- _____. RIBEIRO, J. *Compêndio de história da literatura brasileira*. 2. ed. refundida. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.
- SANTOS, J. dos. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, n. 226, p. 3, alto, 26 set. 1900.
- _____. Crônica literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 3, alto, 26 set. 1899.
- VENTURA, R. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 22, número 1, p. 320-333, 2020.

São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, J. Livros novos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 2 set. 1901.

_____. Revista literária. O livro do Centenário. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 3.-4. col., 17 set. 1900.

_____. A história da literatura brasileira. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-3. col., 10 set. 1902.

_____. Vida literária: uma poetisa e dois poetas. *Kosmos*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 1, p. 7-11, jan. 1906.

_____. *Que é literatura? e outros escritos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

VIRGILLO, C. (ed.). *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Ministério da Educação e Cultura, 1969.